

Uma História da Filosofia

44 O Idealismo de George Berkeley

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Boa tarde. Queremos conhecer George Berkeley, filósofo britânico do século XVIII, e seu idealismo. Idealismo no sentido metafísico.

Ou seja, tudo o que existe é da natureza da mente, do espírito imaterial. Para entender o que ele fazia e por quê, deixe-me começar falando sobre seu projeto filosófico em geral. E gostaria de começar indicando que ele era um homem de espírito muito prático.

Bispo da Igreja Anglicana na Irlanda, ele tentou fundar uma escola para indígenas americanos nas ilhas Bermudas, projeto que nunca se concretizou devido à falta de financiamento e ao fato de ele não ter percebido que as ilhas não possuíam abastecimento natural de água, dependendo exclusivamente da água da chuva. Assim, ele se estabeleceu em Newport, Rhode Island, e até hoje é possível visitar sua casa, onde a Sociedade Berkeley local oferece visitas guiadas que contam tudo o que você sempre quis saber e muito mais sobre Berkeley, sua vida, suas realizações e sua horta. Ele tinha interesse em desenvolver algum tipo de panaceia medicinal a partir da água alcatroada.

Tal era o estado da medicina em sua época. Mas digo isso para indicar que ele era um homem de negócios, um tanto ativista, com diversos projetos de cunho social. E agora, afirmo que ele nega a existência da matéria.

De fato, uma pessoa, um homem chamado J.O. Wisdom, tentou fazer uma psicanálise póstuma de George Berkeley em um livro intitulado "As Origens Inconscientes da Filosofia de Berkeley", no qual ele vê a incursão com água alcatroada e sua metafísica idealista como tentativas igualmente ilusórias de encontrar uma panaceia para nossos males físicos. Tratá-los com remédios e negar a existência da materialidade. Devido a alguma aversão patológica que ele tinha à sujeira e às excreções, essa é a psicanálise póstuma de George Berkeley.

Leve isso com toda a cautela que merece. Na realidade, Berkeley estava muito preocupado com o mundo das ideias em sua época. Era um período em que o materialismo estava em ascensão.

Nem sempre o materialismo mais benevolente e religioso de Thomas Hobbes, mas frequentemente associado ao ateísmo. Além disso, o deísmo da época se baseava na física newtoniana. Pois, se a natureza opera segundo suas próprias leis mecânicas fixas, então um deus ativamente envolvido e imanente na natureza torna-se supérfluo.

Assim, o deísmo era a principal alternativa religiosa ao cristianismo em sua época. E tudo isso preocupava o erudito bispo. Seu projeto estava relacionado a isso.

Então, como ele resolveria isso? Na verdade, água alcatroada não era solução. Portanto, o que George Berkeley fez foi considerar cuidadosamente a epistemologia de John Locke. A epistemologia de John Locke.

Você conhece a história. Que a mente tem como objeto do seu pensamento aquilo que ela é, a única coisa que a mente pensa. Ideias.

Ideias de sensação e reflexão. Ideias de sensação envolvendo qualidades primárias e secundárias. As qualidades primárias possuem alguma realidade objetiva na matéria.

Cujo substrato, segundo Locke, é algo que desconhecemos. Mas a questão é que as ideias são, pelo menos algumas delas, representações. É uma teoria representativa do conhecimento.

Representações de objetos materiais. Agora, vendo esse esquema, a estratégia de Berkeley torna-se relativamente simples. Ou seja, negar que exista qualquer representação objetivamente real de nossas ideias de qualidades primárias.

Você verá. Negar que você pode romper essa barreira cognitiva e alcançar o que é extramental, fora da mente, é um erro. Locke acreditava que isso era possível por meio da inferência causal.

Qual a causa das minhas sensações? E é exatamente esse tipo de coisa que Berkeley questiona. Assim, enquanto Locke é um realista em relação à materialidade, Berkeley é o que hoje chamaríamos de antirrealista em relação à matéria, negando a realidade independente da matéria.

Isso é característico, claro, do idealismo metafísico. Porque, por definição, se um idealista diz que tudo o que existe é imaterial, então não existe nada material. Portanto, o idealismo é uma espécie de antirrealismo em relação à matéria.

E encontraremos outras visões que questionam a realidade da matéria e que ficaram conhecidas como fenomenalismo. Fenomenalismo, ou seja, afirma que tudo o que conhecemos são aparências das coisas, como objetos materiais.

Mas se de fato existe matéria é outra questão. Fenomenalismo. Ora, se preferir, o idealismo é um subconjunto do fenomenalismo.

Ou seja, o idealista afirma que tudo o que temos são ideias, aparências. Não existe matéria como tal. É uma espécie de fenomenalismo.

Mas existem outros tipos de fenomenalismo além do idealismo. E veremos que Immanuel Kant é uma espécie de fenomenalista. E, caracteristicamente, todo o idealismo alemão do século XIX é fenomenalista.

E os movimentos idealistas que floresceram por toda a Europa e América no final do século XIX, aliás, se pensarmos nos antigos, Plotino, sim, ele também era um fenomenalista, porque a matéria não tem existência independente. Existem almas, um mundo de ideias, mas à medida que se desce cada vez mais na cadeia das emanações, na hierarquia do ser, chega-se ao não-ser, e lá embaixo não há um substrato da realidade chamado matéria. É o não-ser.

Assim, a tradição platônica também é potencialmente uma espécie de idealismo. É certamente uma espécie de fenomenalismo. Agora, vamos um passo além com o projeto de Berkeley.

O que incentivou a ascensão do materialismo e, com ela, a ascensão do deísmo e do ateísmo, foi, involuntariamente por parte do próprio Newton, a física mecanicista. Porque o que Newton afirma na física mecanicista que sistematizou em sua época é a realidade independente, independente de estarmos conscientes dela ou não, a realidade independente da matéria, da força, do poder causal, do espaço absoluto uniforme e do tempo absoluto uniforme. Esses são os conceitos-chave fundamentais da física newtoniana, da física mecanicista.

Newton pressupõe que todos os quatro sejam objetivamente reais. Berkeley argumenta que todos os quatro são objetivamente irrealis. Ora, se você puder tirar a matéria, a força física, o espaço e o tempo debaixo dos pés do materialista, ele não conseguirá se manter de pé.

Você vai ver. Basicamente, o que Berkeley faz é puxar o tapete debaixo dos pés das pessoas, e o materialismo entra em colapso. Pelo menos, esse é o projeto dele.

Essa é a estratégia dele. A causa da dificuldade é a ciência mecanicista que surgiu com a revolução científica. Era uma dificuldade que já vínhamos observando surgir metodologicamente há muito, muito tempo, com Bacon.

Em termos da posição filosófica construída sobre isso por Hobbes, por Descartes, por Spinoza, veja bem. Leibniz foi um dos que se opuseram a isso, negando que a matéria no sentido newtoniano seja a realidade última, a substância básica, o substrato. Entende?

Porque para Leibniz, o básico, o que ele chama de mônadas, são unidades de força, unidades de energia. Ele estava propondo um tipo de realismo, mas um realismo não

sobre a matéria, e sim sobre o que chamaríamos de física energística. Não física mecanicista, mas física energística.

Veja bem. Berkeley então se depara com esse tipo de situação. Sua estratégia é obviamente sugerida pela epistemologia de Locke.

Obviamente que sim. Por isso, geralmente pensamos na história do empirismo britânico como uma trajetória que vai de Locke a Berkeley e depois a David Hill. Seu método, portanto, será estritamente empirista.

Com Locke, ele insistirá que os únicos recursos que temos para o conhecimento natural são as ideias que compõem a experiência. Ideias simples. E com Locke e Descartes, ele afirmará que as faculdades empíricas que Deus nos deu são bastante confiáveis se as usarmos corretamente.

Se restringirmos nossas afirmações àquilo para o qual temos evidências. Então Berkeley, por assim dizer, é um evidencialista. Locke também é, de certa forma, um evidencialista.

Proporcione suas crenças às evidências. A diferença entre Berkeley e Locke é que Berkeley não acredita que haja evidências suficientes para a existência de matéria, força física, espaço absoluto e tempo absoluto.

Por que não? Bem, é aí que fazemos a transição do projeto dele para a reflexão sobre os princípios em que se baseia o seu argumento. Deixe-me fazer uma pausa, porém. Algum comentário ou pergunta sobre o projeto? Ryan.

Isso é algo de um pouco antes. Quando você desenhou o X kantiano, ou o X com Kant. Sim.

E o racionalismo, ou racionalismo continental, está influenciando um lado do empirismo britânico. Eu pensava que o racionalismo tinha continuidade no idealismo alemão. Isso mesmo.

E então o empirismo continuou no fenomenalismo. Sim. Você acabou de dizer que o idealismo está dentro do fenomenalismo? Ok, deixe-me esclarecer.

O que fizemos foi diagramar desta forma. O desenvolvimento do racionalismo continental desde Descartes, Spinoza e Leibniz até o ponto em que Kant, por volta de 1800, é forçado a abarcar também o pensamento de David Hume. Despertado desse torpor racionalista, como ele mesmo diz, pela leitura de David Hume.

Bacon, Hobbes, Locke, Berkeley, Hume. Bem, eu acabei de dizer isso, ou melhor, você acabou de dizer, que essa tendência empirista continua no fenomenalismo do século XIX. Sim.

E minha referência aqui é a pessoas como o filósofo francês Auguste Kant e John Stuart Mill. E, posteriormente, ao positivismo lógico do século XX. Sim, todos eles são a continuação dessa tradição empirista britânica.

Mas, vejam só, o que encontramos no pensamento alemão do século XIX, e também no francês, é o desenvolvimento de um idealismo metafísico a partir das raízes do racionalismo continental. E isso pode parecer um pouco confuso, compreensivelmente, porque Berkeley também é um idealista, mas pertence à tradição empirista. E daí? Sabe, é possível ser idealista em duas tradições epistemológicas diferentes.

Você pode ser um racionalista que é um idealista. Você pode ser um empirista que é um idealista. Não há problema nenhum nisso.

Se você for engenhoso o suficiente no que faz com isso. Mas outra coisa que confunde é que existem dois tipos de fenomenalismo. E daí? Você pode ter fenomenalismo com base empírica e fenomenalismo com base racionalista.

Sim. Agora, para responder à sua curiosidade, como é que os racionalistas se tornam idealistas? Bem, o racionalismo fala sobre os recursos intelectuais, esse tipo de racionalismo, os recursos intelectuais inatos na mente humana, o conhecimento inato, o conhecimento a priori.

Agora, ao passarmos da era da razão para o século XIX, a ênfase recai sobre os recursos inatos, não para o conhecimento, mas para a autoexpressão criativa. Entende ? O que se observa aqui é um idealismo mais do tipo romântico do que do tipo iluminista. Entende ? Um idealismo que depende do reconhecimento das realidades internas, das fontes de atividade, ação e pensamento que residem no espírito humano.

Entende ? Já para Berkeley, como empirista, não, seu idealismo não enfatiza os recursos criativos do espírito humano. Ele enfatiza a passividade da mente humana como receptora de certos tipos de estímulos sensoriais. Uma perspectiva bem diferente.

Isso ajuda? Ok, talvez eu esteja me adiantando um pouco, mas não se confunda com o fato de que, às vezes, você pode ter posições semelhantes por motivos diferentes. Sim, nem sempre existe apenas uma linha de argumentação para uma posição. Pode haver duas linhas de argumentação completamente incompatíveis, mas que defendam a mesma posição.

Sim. Veja o republicanismo como exemplo. Há todo tipo de argumentos incompatíveis para uma posição como essa.

Isso não torna a posição certa ou errada. É apenas que, se você partir de um ponto, pode acabar chegando à mesma conclusão. David? Eu ia perguntar: o fenomenalismo é a crença de que nós, a mente, só podemos conhecer fenômenos, ou que apenas fenômenos existem e nenhuma realidade? A posição de Berkeley, como idealista, é que a matéria não existe.

Só existe mentes e estados mentais, ideias. Sim. O fenomenalista talvez não seja tão assertivo assim.

O fenomenologista pode dizer: tudo o que conhecemos são fenômenos. Sim. E isso é mais característico de John Stuart Mill.

Então, se ele refuta o materialismo, ele pode ter um argumento melhor para o dualismo? Sim. Veja bem, se não houver evidências da existência da matéria, então nossas ideias de sensação devem vir de outra fonte. E, resumidamente, o que ele vai nos dizer é que, como as ideias são coisas mentais, elas devem ter causas mentais.

A causa deve ser semelhante ao efeito. Se minha mente não é a causa das minhas sensações, outra mente deve ser a causa delas. E, visto que todos nós temos essencialmente as mesmas sensações sobre os mesmos objetos, vistos do mesmo ponto de vista e sob as mesmas condições, deve haver alguma mente suprema que nos dá todas essas sensações.

E ele tem um argumento causal para a existência de Deus. E Deus tem que fazer isso o tempo todo, então tem que ser teísmo em vez de deísmo. Qual era mesmo? Ah, sim, é inteligente.

Inteligente. Sabe, o problema inicial que os alunos enfrentam ao compreender Berkeley nos cursos introdutórios, especialmente no 101, é acreditar que alguém possa negar a existência da matéria. Entende? Gostaria de pensar que você já superou isso.

Gostaria de acreditar que você já superou a ideia de dizer: "Quer dizer que minha mão é uma ilusão?". Não, Berkeley nunca disse que era uma ilusão. Acho que foi o famoso ensaísta Johnson quem disse que ia refutar o erudito bispo, chutou uma pedra, saiu segurando o dedão do pé e disse: "Essa dor era real! Entende?". Ao que Berkeley respondeu: "Sim, é o que chamamos de, abre aspas, real, porque era um tipo de dor involuntária. Ora, ao mesmo tempo, existem tipos de dores voluntárias, como você pode imaginar, mas essa era uma das causas."

A única questão é: qual a causa da dor? Qual a causa dessa sensação involuntária de dor que você tem? Portanto, não se trata de uma posição absurda. É uma posição ponderada e séria. Ainda não gosto dela, mas, como você sabe, pensadores religiosos, não apenas na tradição judaico-cristã, mas também nas tradições orientais, frequentemente adotaram o idealismo metafísico por considerá-lo a melhor forma de abordar a realidade última do divino.

Como um ser imaterial. Aliás, quando Spinoza disse que tudo é Deus e Deus é tudo, você não desejava que ele dissesse que era imaterial? Se ele ia ser panteísta, que fosse idealista. E talvez ele tenha te decepcionado por ser mais materialista.

Mas existem afinidades naturais entre o idealismo metafísico e o teísmo, o panteísmo e as religiões nessas tradições. Há, portanto, uma longa tradição, particularmente no pensamento britânico, de idealismo cristão, especialmente de cunho platônico. Bem, você se lembra de que mencionei o platonismo de Cambridge do século XVII.

E esse tipo de coisa continua se repetindo desde então. Certo, então, e quanto aos princípios de Berkeley, nos quais esse tipo de argumento se baseia? Descansos? Bem, lembre-se dos problemas que ele está abordando. Ele está tentando trabalhar com a epistemologia de Locke para chegar a conclusões diferentes das conclusões de Locke.

Assim, seu primeiro passo é argumentar contra a teoria das ideias abstratas de John Locke. É por isso que nos preocupamos em explicar detalhadamente a teoria das ideias abstratas de Locke. Ela se torna crucial.

Isso, claro, trata da filosofia da linguagem. E assim, na seção introdutória do material que temos de Berkeley, ele fala sobre linguagem e sobre ideias abstratas. E defende uma posição nominalista em oposição à posição conceitualista de John Locke.

O ponto dele é que a linguagem é completamente mal utilizada. Tendemos a pensar que, onde quer que haja um termo geral, deve haver algum objeto real correspondente a ele. Tendemos a presumir que todos os substantivos e nomes nomeiam coisas.

Portanto, se existem substantivos gerais, eles devem nomear coisas gerais. E se não existem universais reais, objetivamente reais, o que nomeiam os substantivos gerais, os substantivos comuns? Nomeiam ideias gerais abstratas. As ideias abstratas dos conceitualistas.

Mas Berkeley está convencido de que isso é um erro. A linguagem pode fazer muitas outras coisas além de nomear. Nem todas as palavras nomeiam.

Nem toda linguagem é referencial, apontativa, significativa ou denotativa. Podemos fazer muitas outras coisas com a linguagem. Não existe necessariamente uma correlação direta entre palavras e ideias, como Locke acreditava.

As palavras muitas vezes não têm um significado fixo. Mas, além de se referirem a coisas, as palavras podem ser usadas para confortar, encorajar, exortar, culpar. Fazemos todo tipo de coisa com a linguagem.

Agora, ao ler essa seção em Berkeley, você pode achar que soa muito como Wittgenstein. Se você já se deparou com o Wittgenstein do século XX. Ou com a Filosofia da Linguagem Ordinária de Oxford, como era chamada nas décadas de 1950 e 1960.

Porque havia um grupo de filósofos naquela época, do qual Wittgenstein era um membro muito importante. Havia um grupo de filósofos em Oxford, Cambridge e outros lugares que aplicavam o positivismo das décadas de 1930 e 40. Esse grupo insistia que toda linguagem deve ter referência, significar.

Quem disse que fazemos todo tipo de coisa com a linguagem? Wittgenstein chamou isso de outros jogos de linguagem. Entende? Outros jogos de linguagem. Claro.

Realizamos todo tipo de atividades sociais usando a linguagem. Sim. Ela tem todo tipo de função.

Bem, Berkeley reconhece isso. E, portanto, ele acha que fomos induzidos ao erro ao supor que todas as palavras devem se referir a algo externo. E, conseqüentemente, os termos gerais devem ser nomes para ideias gerais abstratas.

Não. E alguns dos exemplos e argumentos que ele apresenta são úteis, eu acho. Ele diz, por exemplo, que, segundo Locke, temos uma ideia abstrata de movimento.

Ou uma ideia abstrata de cor. Ou uma ideia abstrata de extensão. Agora, considere a noção de extensão, porque isso significa qualidades primárias.

Tamanho, forma, densidade, etc. Essas são propriedades que, quando reunidas, resultam no que chamamos de extensão espacial. Ocupação espacial.

Extensão espacial. Sim, senhor. Bem, você tem alguma ideia de extensão espacial em geral? Berkeley pergunta.

Não, você tem uma ideia de uma forma específica, um tamanho específico, uma área específica que é ocupada. Mas extensão? E a cor? Essas são qualidades secundárias. Cor.

Você tem uma ideia abstrata de cor em geral? Ah, não. Você tem uma ideia do tom de azul da minha camisa. Eu me esforcei para vestir uma camisa azul hoje.

O tom de azul da minha gravata. O tom de azul dos meus olhos. E assim por diante.

Mas você tem uma ideia do que é azul em geral? Não, a palavra é simplesmente um termo genérico para todos esses tons e matizes classificados de certas maneiras. Sim, senhor. Então ele nega que existam coisas como ideias abstratas.

Agora leve para casa para assar. Você tem alguma ideia do que é matéria? Algo abstrato? Bem, nem mesmo Locke tinha. Ele disse: "É algo que eu não sei o quê".

Ah, isso nos leva à realidade. Não, você não tem uma ideia da matéria. Você tem uma ideia de uma maçã específica, uma árvore específica, uma pedra específica, uma cadeira específica.

Mas isso não importa no abstrato. Você tem uma ideia de espaço no abstrato? Não, de certas relações espaciais, de distâncias, de áreas ocupadas, em particular, mas não no abstrato. Você tem uma ideia abstrata de tempo? O problema é o mesmo.

Você tem uma ideia abstrata de poder? Lembre-se, Locke dedicou uma longa seção a isso. Ah, não, você tem um termo geral, poder, que se refere a certas forças sentidas e experimentadas, mas não ao poder em seu sentido abstrato. Você consegue sentir a tensão nos seus músculos ao levantar um peso muito, muito pesado.

Você sente a força, o poder. Mas isso é algo concreto, não é uma ideia abstrata. Então ele nega que sejam ideias abstratas, e há momentos em que sua retórica sobre o assunto é muito persuasiva.

Quando ele diz isso, por exemplo, se outros também possuem essa maravilhosa capacidade de abstrair suas ideias, eles mesmos podem dizer melhor. Mas, quanto a mim, descubro que tenho a capacidade de imaginar, de representar para mim mesmo as ideias de coisas específicas que percebi, e de combiná-las e dividi-las. Posso imaginar um homem com duas cabeças, ou a parte superior do corpo de um homem unida ao corpo de um cavalo, ou uma girafa fada com asas de borboleta.

Posso considerar a mão, o olho, o nariz, cada um por si, separado do resto do corpo. Mas eles devem ter alguma forma e cor específicas. Não consigo, por nenhum esforço mental, conceber a ideia abstrata descrita.

Para mim, é igualmente impossível formar a ideia abstrata de movimento distinta do corpo que se move, seja ele rápido ou lento, curvilíneo ou retilíneo, e assim por diante. Para ser franco, admito minha incapacidade de abstrair em certo sentido, como quando considero partes ou qualidades particulares separadas de outras, etc.,

etc. Mas nego que possa abstrair essas qualidades e formular uma noção geral por meio da abstração.

E então ele passa a falar de um certo filósofo ilustre que achava que vocês conseguiriam, e discorda especificamente dos parágrafos que cita. Então, na prática, Berkeley está dizendo: se vocês conseguem, eu não sei. Vocês terão que dizer, mas eu certamente não consigo.

Não consigo pensar abstratamente sobre ideias gerais abstratas. Ora, que tipo de argumento é esse? É um argumento empírico. Ele está dizendo a Locke, de todas as pessoas, que ele não é suficientemente empírico.

Ele está dizendo a Locke que ele não é suficientemente empírico. Nessa questão de ideias abstratas. E suponho que, se Locke quiser responder, se Locke, o empirista, quiser responder, a única resposta que ele pode dar é uma resposta empírica.

O que há em nossa experiência com o uso de termos gerais que se relaciona ao pensamento sobre ideias abstratas? Pensar sobre ideias abstratas. Bem, formulei a pergunta dessa maneira, então suponho que devo fazer uma pausa e sugerir como você poderia tentar respondê-la, como outros tentam respondê-la. Você precisa pensar nas palavras não como nomes, mas como símbolos.

Não como nomes que apontam para objetos, mas como símbolos que se integram em uma linguagem completa, onde os símbolos se relacionam entre si. Portanto, quando você pensa abstratamente, o que você pensa é em termos de uma linguagem. E dentro da estrutura dessa linguagem, pensando nessa linguagem, você está pensando em abstração a partir de objetos particulares .

É assim que funciona na matemática. O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos outros dois catetos. Agora, não tente imaginar isso, não será preciso.

Você não está pensando em algo específico . Você precisa pensar na linguagem da matemática. Então, acho que a questão é que se trata de uma linguagem vista como um símbolo, e não como um dispositivo de denotação.

A linguagem é vista como um sistema de símbolos que serve de veículo para a abstração. Bem, isso é algo que, obviamente, começa a se desenvolver no século XIX. E é o tipo de ideia que foi incorporada em diversas teorias literárias e assim por diante.

Certo, alguma pergunta ou comentário sobre o nominalismo de Böckler? Como o bispo aborda a justiça, as leis e a ética no nominalismo? Bem, prefiro deixar isso para depois de analisarmos suas respostas às objeções, mas talvez duas coisas. Primeiro, ele não escreveu um tratado sobre ética. Mas você disse que ele era um bispo.

Bem, os bispos nem sempre escrevem tratados sobre ética; eles pregam. Então, talvez a questão seja: como ele pregava? Como ele aconselhava? Como um nominalista aborda a ética? Veja bem, essa é a questão, não é? Bem, voltemos a Guilherme de Ockham. O que ele fez em relação à ética? Voltemos a Thomas Hobbes.

O que ele fez em relação à ética? Voltemos a Lutero, que era nominalista. O que ele fez em relação à ética? E há uma fórmula dupla que se repete em toda a tradição nominalista e que se estende a alguns conceitualistas. Calvino também.

Razão correta e a palavra de Deus. O que é a razão correta? A razão correta é pensar em termos de consequências. Uma análise da síntese medieval com sua ética metafisicamente fundamentada, sua ética da lei natural.

Por isso, o colapso dessa síntese medieval gerou o utilitarismo e a ética consequencialista. E a palavra de Deus, sim, o mandamento divino para você. Então, justiça é o que Deus diz.

E eu imagino, embora não haja nenhum registro oficial em Berkeley que confirme isso, que ele esteja suficientemente sintonizado com a tradição nominalista. Veja bem, que era muito real, muito poderosa nos séculos XVII e XVIII, então acho que ele seguiria essa tradição. Sim, acredito que seja esse o caso.

Parei por um instante para me perguntar: e quanto à influência do idealismo de Cambridge em Berkeley? Pelo que li, não vejo muita influência do idealismo de Cambridge em Berkeley. Se houvesse alguma, envolveria mais intuições morais. Veja bem, uma percepção mental imediata de alguma verdade moral.

Porque os platônicos de Cambridge acreditam em ideias inatas, ideias morais inatas. Mas isso, sabe, ideias morais inatas são tão estranhas ao empirismo de Berkeley. Não, eu não vejo isso ali.

Certo. Vamos então para o segundo passo. E vamos nos perguntar mais diretamente: qual é o argumento dele contra o materialismo? O argumento dele contra o materialismo.

E aqui sua atenção se volta para a teoria das ideias. E ele defende uma posição que ficou conhecida como mentalismo. Mentalismo.

A visão de que existem apenas mentes e suas ideias. Apenas mentes e suas ideias. Ou seja, o que se passa nas mentes.

Só existem mentes e suas ideias. Ah, e se você quer saber como ele acha que a mente existe, como ele sabe que alguma mente existe? Ele te daria uma de Descartes. "Não sei quanto a você", ele poderia dizer, "mas eu acho que..."

Portanto, eu existo. Logo, existe pelo menos uma mente. Mas por que apenas mentes e suas ideias? Onde está o argumento dele para isso? Qual é o argumento dele relacionado à teoria das ideias? Bem, basicamente, veja bem, o argumento dele é que se as ideias são de fato a matéria inicial a partir da qual o conhecimento é composto.

Sim, ideias simples, ideias compostas, relacionadas entre si por afirmações ou negações, essa é a essência do conhecimento. Se assim for, e se as ideias são coisas mentais, eventos mentais, então, se a causa deve ser como o efeito, então as ideias devem ter causas mentais. Portanto, as ideias que inundam minha mente devem ser causadas pela minha mente ou por outra mente ou mentes.

Tal causa, tal efeito. Ora, imediatamente percebe-se que ele compreendeu o problema terrivelmente difícil que Descartes havia proposto a si mesmo com seu dualismo mente-corpo e interação causal. Como podem as mudanças corporais produzir mudanças mentais? Como podem os estímulos físicos aos sentidos, produzindo processos cerebrais, causar mudanças nessa alma imaterial? Qual é a conexão causal? E na época de Berkeley, ninguém levava Peniel Glenn a sério.

Além disso, desenvolveu-se na Europa uma tradição conhecida como Ocasionalismo. Um de seus representantes, o francês Malabroche, era ele próprio um idealista metafísico. O Ocasionalismo defende a ideia de que não existe uma relação causal direta entre mente e corpo.

Mas, na verdade, quando algo físico me acontece, essa é a ocasião em que Deus faz com que um estado mental correspondente ocorra. E quando, em minha mente, decido fazer algo, essa é simplesmente a ocasião em que Deus faz com que a ação física ocorra. Essa é uma posição um tanto atraente se você estiver buscando alguma explicação causal, e Peniel Glenn não a adota.

E Berkeley parece ter sido influenciado por isso, embora obviamente sua posição seja um pouco diferente. Mas a ideia de que Deus é o agente causal... Veja bem, o que os ocasionistas estavam tentando fazer, tentando proteger, era uma certa visão calvinista forte.

É isso que queremos dizer quando afirmamos que Deus é todo-poderoso; queremos dizer que Ele possui todo o poder que existe, e ninguém mais tem qualquer poder causal. Nada mais. É por isso que os Peniel Glenns não funcionam.

Nada físico possui poder causal. Essa era a tentativa dos ocasionalistas de evitar as implicações da ciência mecanicista, na qual os poderes causais naturais explicam suficientemente todos os processos da natureza. A matéria, essa substância inerte e viscosa, não possui poder causal.

Deus é quem tem o poder. Ele é todo o poder. Então, de certa forma analogamente, Berkeley dirá que é Deus quem é a causa.

Mas para chegar a isso, ele precisa lidar mais de perto com a teoria das ideias de John Locke. E você verá que ele está trabalhando com, creio eu, pelo menos três argumentos nesta seção que vai da página 247 à 254 da antologia. Três argumentos.

Uma delas é a das coisas imperceptíveis, algumas coisas que eu nem sei o que são, coisas imperceptíveis, desconhecidas, como o substrato desconhecido de Locke. Então, falar de coisas desconhecidas não tem referência, nenhum ponto de referência. Não se refere a nada.

Então, quando se fala de matéria, desse substrato que supostamente possui qualidades primárias, a linguagem não tem significado empírico. Se é desconhecido, é desconhecido. E você não está se referindo a nada quando fala sobre isso.

Ora, o mesmo se aplica à força, ao espaço, ao tempo, ao argumento. O segundo argumento é o de causa e efeito, semelhante causa, semelhante efeito. Mas o terceiro argumento, um pouco mais sutil, tem a ver com a doutrina de Locke sobre qualidades primárias e secundárias.

Qualidades primárias e secundárias. Veja bem, o que incomoda Berkeley nisso, onde Locke não é suficientemente empírico, é que Locke parece falar de qualidades primárias e secundárias como se, em nossas mentes, pudéssemos separá-las e pensar nelas separadamente. Como se pudéssemos pensar em uma qualidade primária sem uma qualidade secundária, e em uma qualidade secundária sem uma qualidade primária.

Considerando que na experiência real, na experiência do senso comum e na constante apelação de Berkeley ao senso comum, na experiência do senso comum, eu nunca percebo uma cor que não seja espacialmente extensa. Mesmo uma pequena mancha azul precisa ter extensão. E se uma extensão espacial fosse percebida, ela teria que ter cor.

Algo que ao menos me permita ver. Não apenas uma extensão vazia. O que é uma extensão vazia? Espaço vazio.

O quê? Nada. Nada empírico. Então, se você nunca tem qualidades primárias sem qualidades secundárias, ou qualidades secundárias sem qualidades primárias, aonde isso nos leva? Bem, Locke disse que as qualidades secundárias são subjetivas.

Causadas por aquilo que as causa. Locke salientou que as qualidades secundárias podem ser, de certa forma, relativas a todos os tipos de condições de observação em relação ao observador. Qualidades secundárias.

Sim, depende se você lavou os ouvidos e da clareza com que ouve o som. Depende também se você está usando óculos e se consegue enxergar com clareza. Claro, eu nem consigo ler as horas no despertador quando acordo sem meus óculos.

A situação só piora. Acho que um dia desses vou simplesmente desistir. O que você vê, a qualidade secundária, é relativo à condição dos seus órgãos sensoriais e a todo tipo de outras condições de observação.

E, portanto, ele diz que é subjetivo. Não há correlação objetiva. Mas o mesmo se aplica às qualidades primárias associadas a essas qualidades secundárias.

E ele aponta para uma antiga torre de castelo no horizonte. Sabe, aqueles grandes castelos normandos quadrados. E pergunta: qual é o formato? Alguém responde: quadrado.

Não, não, veja, que forma você vê a essa distância? Bem, não é exatamente um quadrado. É mais como uma pequena bolha redonda. E então, conforme você se aproxima, que forma ela assume? Perceba, assume.

Bem, torna-se enorme, quadrado. Preenche todo o horizonte. Obviamente, as qualidades primárias, assim como as secundárias, são relativas e, portanto, subjetivas.

Ora, se as qualidades primárias e secundárias são relativas e subjetivas, o que resta da matéria objetivamente real, independente de sua existência? Empiricamente, nada. Não há qualquer vestígio de evidência empírica da existência da matéria como um substrato objetivamente real. Bem, isso não significa que eu não veja um castelo.

Claro, eu vejo um castelo. Isso não significa que eu não veja nada do despertador. É claro que eu vejo alguma coisa.

É com a leitura que tenho dificuldade. Não, a questão não é se temos as experiências que temos. Nenhum empirista negaria que temos experiências desse tipo.

A questão é se aquilo que experienciamos possui um substrato material existente independentemente. E para isso, não há a menor evidência empírica, segundo

Berkeley. Portanto, na teoria das ideias, sua conclusão é o mentalismo: tudo o que existe são mentes e ideias.

Se quiser, é uma espécie de fenomenalismo sobre objetos físicos. O que o impede de ser um fenomenalista puro é que ele afirma a realidade da mente e a realidade de Deus. E se Deus e as mentes são reais, então ele não é completamente fenomenalista.

Ele é um fenomenalista apenas em relação a objetos físicos. Portanto, é um tipo de fenomenalismo menos intenso do que aquele que John Stuart Mill nos apresentará. Ok, perguntas, comentários? Bem, acho que podemos parar por aqui.

Descobri que este relógio está atrasado em cerca de cinco minutos. E retomaremos o assunto na próxima aula, com o terceiro princípio fundamental dele, o teísmo, e as respostas às objeções. Portanto, devemos abordar tudo o que precisamos sobre Berkeley na próxima aula, e acredito que seus resumos sobre Berkeley também deverão ser entregues nessa ocasião.